

O PROBLEMA DA AUTONOMIA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE SAVIANI: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A RELAÇÃO EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

Gildemarks Costa e Silva¹

RÉSUMÉ

L'objectif de notre travail est de contribuer à la discussion tenant à la possibilité (ou non) d'une autonomie relative du pédagogique. Partant de la discussion la plus récent sur ce sujet on analyse la pensée de l'éducateur brésilien Dermeval Saviani, dont l'oeuvre est d'une importance considérable. Nous trouvons dans as conception de "conscience pédagogique" et "projet historique" les concepts les plus importants pour une analyse critique de as contribution théorique à la question de l'autonomie du pédagogique et, ce-faisant, ouvrant des perspectives au rapport entre la Philosophie et l'Education.

RESUMO

O trabalho se insere na discussão sobre a possibilidade ou não de uma autonomia relativa para o pedagógico. Concentra a discussão e sua análise no pensamento de Dermeval Saviani, enquanto um dos expoentes da educação brasileira. Encontra na "consciência pedagógica" e no "projeto histórico" os conceitos fundamentais para uma análise crítica da contribuição que este autor tem para a questão da autonomia do educacional, visando a perspectivas para a relação entre Filosofia e Educação.

¹ Professor de Filosofia da Educação. Mestre em Educação (CE/UFPE). Atualmente é Orientador Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFPE.

Este texto se relaciona com a discussão sobre a autonomia da Educação². Para tal, iremos nos deter no pensamento de Dermeval Saviani, enquanto um dos expoentes da Educação brasileira, e um autor que procura, segundo o mesmo, colocar a Educação em bases científicas. A partir da análise dos conceitos de “consciência pedagógica” e “projeto histórico”, apresentados pelo autor, encontramos elementos teóricos relevantes para a tematização epistemológica do educacional, com vistas a definição da relação Filosofia e Educação.

Optamos por Saviani por ser um pensador que, no Brasil, se destaca pela defesa de uma teoria da educação³. Com uma obra que se mostra, na sua visão, contra os diversos modismos educacionais, conforme evidencia o próprio Saviani (1995: 1), quando fala do modismo marxista: “Lutando contra todas as formas de modismo pedagógico confrontei-me, então, com o modismo marxista que implica a adesão acrítica e, por vezes, sectária, a esta corrente de pensamento”.

Assim, Saviani representa, por aquilo que aparece em sua obra, uma opção genuinamente pedagógica. Diríamos mesmo ser um retorno a um dos principais teóricos da educação brasileira, cujas partes significativas do conjunto de sua obra fornecem elementos para o estudo da possibilidade de um estatuto científico para a educação, considerando aquilo que enfatiza o próprio autor. Para justificar a opção por este autor, afirmamos:

1. Saviani representa autor de referência aos que lidam com a educação brasileira. No Brasil, em cursos de Graduação em Pedagogia, em Mestrados em Educação, em Seleção de Professores e Pedagogos, comumente há alusões a aspectos teóricos desenvolvidos por Saviani. O referido autor diferencia-se, por outro lado, de muitos outros autores de referência na mesma área, devido ao fato de querer lidar com a própria natureza e especificidade da educação. Além do mais, a própria trajetória acadêmica de Saviani já nos induz a esta escolha.
2. Saviani é graduado em Filosofia, com Doutorado neste mesmo domínio do saber. Contudo, sua trajetória acadêmica, seja em nível

² Parte da discussão presente neste texto é fruto da nossa dissertação de Mestrado: “CONSCIÊNCIA PEDAGÓGICA E PROJETO HISTÓRICO: o problema da autonomia da Educação no Pensamento de Saviani.”

de ensino, ou no campo da pesquisa, ocorre, basicamente, no campo educacional. Começa a lecionar no curso de Pedagogia da PUC/SP, já em 1967. Em seguida, passa para os cursos de Pós-Graduação em Educação. Assim, engaja-se nos problemas específicos da educação.

3. E mais: a produção científica de Saviani permite, tanto sob o aspecto qualitativo, quanto no quantitativo (9 livros publicados, 13 capítulos de livros, 16 prefácios de livros, 89 artigos publicados em revistas ou anais. Cf. SIGRIST, 1994: 87), a escolha de suas obras como objeto de estudo.

Ao fazermos tais referências, temos uma noção da dimensão alcançada por Saviani na educação brasileira. Ademais, os que fazem a educação brasileira vêm reconhecendo a qualidade do trabalho deste autor. Como prova disto está o fato de livros do autor que ultrapassam a 30^o edição⁴.

Uma prova, entre outras, objetiva do reconhecimento da obra de Saviani para a educação brasileira ocorreu em 1994. Referimo-nos ao Simpósio de Marília. Nele, vários pensadores da área, como Antônio Joaquim Severino, Bernadette A. Gatti, Gaudêncio Frigotto, José Carlos Libâneo, Luís Antônio Cunha, entre outros, se reuniram para discutir a obra de Saviani⁵.

Saviani representa, em nosso ver, uma opção na busca de aspectos epistemológicos relacionados a um estatuto científico para a Pedagogia. O autor sempre procura colocar a educação como ponto

³ Queremos, antes de mais nada, fazer o seguinte esclarecimento: o termo *Pedagogia* está sendo utilizado como aquilo que corresponde à área do conhecimento humano, a qual tem no educacional o seu objeto de estudo e de pesquisa. Por outro lado, o termo *educação*, com *minúscula*, corresponde à uma atividade humana; algo que acontece, um fazer. Ao mesmo tempo, a expressão *Educação*, com *maiúscula*, será utilizada sempre que nos referirmos à área do conhecimento científico, relacionada à educação enquanto atividade humana, assume o significado do termo *Pedagogia*.

⁴ SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo, Autores Associados, 1996, pp. 104.

⁵ Lembre-se: este simpósio culminou na publicação do livro: Dermeval Saviani e a educação brasileira.

de partida e de chegada para as demais teorizações da prática pedagógica (1994: 31)⁶. Como ele próprio afirma:

Cumprir restabelecer o primado do problema recolocando a educação como centro de nossas cogitações, isto é, como ponto de partida e de chegada das teorizações e práticas pedagógicas. (1990: 7)

A partir disto, considerando ainda outros aspectos, acreditamos que o conjunto da obra do referido autor pode trazer contribuição significativa à constituição de um estatuto científico para a Pedagogia, enquanto Ciência da Educação. E, para induzirmos tal fato, buscamos suporte também em Libâneo, quando este enfatiza:

Creio que o conjunto da obra de Dermeval permite a afirmação da presença da Ciência Pedagógica entre as Ciências da Educação, destacando-se destas por dar um enfoque globalizante e unitário da prática educativa, possibilitando, com a recorrência às demais ciências, uma abordagem pluridimensional do fenômeno educativo. (1994: 31)⁶

Saviani deseja que a educação se constitua enquanto ponto de partida e de chegada para as demais teorizações da prática pedagógica. E é neste sentido que o autor fala em “consciência pedagógica”⁷, composta pelos educadores. Para Saviani, estes educadores devem tomar a educação como centro de suas preocupações. A educação é o ponto de partida e de chegada da “consciência pedagógica”.

Sendo assim, encontrar-se-ia, nesta “consciência”, a referência àquilo que constituiria o núcleo específico da educação. Nela, estariam os elementos referentes à constituição de uma visão de educação mais específica, enquanto saber que difere de outros. Assim, poder-se-ia

⁶ Chamamos atenção para o fato de que, nesta citação existe uma outra opção teórica que não estamos discutindo neste momento. O que realmente nos interessa neste ponto é o fato de o autor da citação colocar a possibilidade de uma Ciência da Educação a partir da obra de Saviani.

⁷ Saviani (1992: 123; 1983: 99 et al).

advogar uma posição independente para a educação. Enfim, analisar esta “consciência” seria ir à raiz da problemática educacional, ou seja, ir ao encontro dos principais aspectos que poderiam fornecer dada autonomia à educação.

Saliente-se, no entanto, que o autor afirma que sua posição se expressa politicamente. Visa a romper com a estrutura social vigente. Ou seja, é preciso uma luta pela transformação da sociedade atual/burguesa/de classes. Delineia-se, nesta preocupação do autor, uma certa idéia de um “projeto histórico”⁸, o qual surge, em análise preliminar, como uma posição política e uma posição epistemológica. Esta posição político-epistemológica aparece, geralmente, semelhante ao que o autor propõe para a “consciência pedagógica”, como ponto de partida e de chegada. Só que este “projeto histórico” é baseado em uma dada visão marxista da sociedade, como enfatiza Saviani (1995: 1): “Situei-me, pois, explicitamente no terreno do materialismo histórico afirmando-o como base teórica de minha concepção educacional contra as interpretações reducionistas e dogmáticas que a moda estimulava”. Aliás, o “projeto histórico” apresenta-se como ponto de partida e de chegada para todas as teorizações sobre os diversos fenômenos presentes no seio de uma sociedade global. Lembrando-se, pois, que este é um projeto que visa à destruição da sociedade de classes. É um “projeto” de transformação. Possibilitar-se-ia, por meio dele, a constituição de uma sociedade em que não haveria classes sociais. Como nos mostra Saviani:

[...] sem perder de vista a realidade concreta da sociedade de classes, projetou-se a reflexão para o horizonte de possibilidades, isto é, para o momento de passagem do reino da necessidade ao reino da liberdade, o momento da constituição da sociedade sem classes, momento catártico por excelência em que toda a sociedade humana se reencontra consigo mesma. (1991: 108)

Em resumo, percebemos que, na proposta do autor, o que se denomina de “projeto histórico” deveria abranger todos os âmbitos

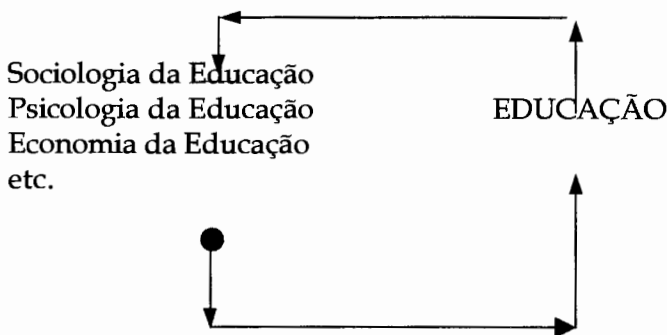
⁸ Saviani (1995: 1; 1991: 24; 1991: 50; 1991: 113; 1983: 81; 1983: 99 et al)

da vida humana, os setores da atividade humana, portanto, todas as áreas do conhecimento humano.

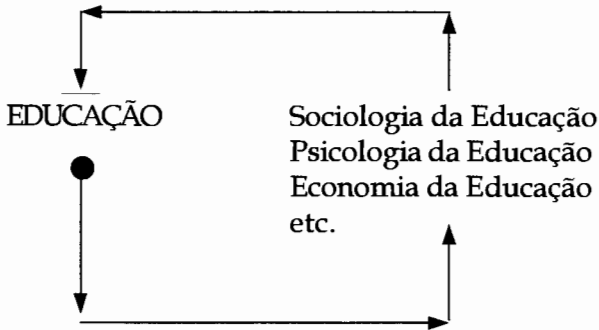
Ora, mesmo sem maiores aprofundamentos, de antemão, percebemos uma certa tensão entre a denominada "consciência pedagógica", enquanto aquilo que contém os elementos referentes a uma posição autônoma para a educação, e o que o autor chama de "projeto histórico", enquanto aquilo que deve ser também, pelo menos é o que nos parece em primeira análise, o ponto de partida e de chegada para as diversas teorizações acerca dos diversos fenômenos presentes no seio de uma sociedade global. Esta tensão fica configurada, principalmente, a partir do momento em que os dois conceitos implicam em posições epistemológicas.

Estas reflexões podem ser visualizadas nos seguintes gráficos, os quais se atêm às três formas - introduzidas até o momento - de relação entre educação e as demais áreas do conhecimento, incluindo, neste caso, Filosofia, os quais representam os posicionamentos que configuram o campo de tensão na obra de Saviani, acima mencionado.

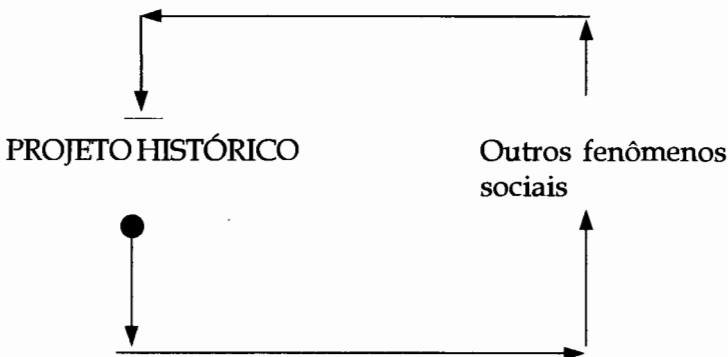
- a) A educação é mero ponto de passagem para as demais reflexões acerca do educacional. Posição criticada por Saviani;



- b) A educação é o ponto de partida e de chegada para as reflexões da prática pedagógica. Posição que Saviani postula;



- c) a educação é mero ponto de passagem para as reflexões do projeto histórico. O projeto histórico é o ponto de partida e de chegada para as reflexões sobre os diversos fenômenos sociais. Posição que este texto questiona.



Na busca de contribuir para uma teoria que tome a educação como suporte, percebendo-a numa visão global e específica, considerando aquilo que escrevemos nas páginas anteriores deste texto, apresentamos, a seguir, uma análise da relação que Saviani estabelece entre a “consciência pedagógica” e “projeto histórico”, tendo em vista, ao final, trazer novas reflexões para a relação Filosofia e Educação.

Saviani defende a autonomia relativa para a Educação. É aquilo que o autor quer fazer em sua obra, em torno da especificidade da Educação, parte da seguinte visão de autonomia: a Educação tem um corpo teórico específico, que vai ao encontro da raiz da problemática educacional, e que isto é condição suficiente para o pedagógico estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento humano, quando for o caso; portanto, com a própria Filosofia. Neste diálogo, a Educação tanto questiona outras áreas como pode ser interrogada sobre problemas destas respectivas áreas. Isto significa que nem a Educação busca submeter a si outras áreas do conhecimento humano, nem, por outro lado, intenta se colocar sob jugo de outra área. O que nos interessa saber, num primeiro momento, é se sua obra conseguiu dispor a Educação nos moldes previstos na sua visão de autonomia.

Para Saviani, esta autonomia relativa da Educação seria possibilitada pelo que se denomina de consciência pedagógica. É possível dizer que, para o autor em análise, esta consciência é composta pelos educadores, pedagogos, enfim, aqueles que fazem a educação. E neste caso, estes educadores, pedagogos, tanto se inserem no domínio prático do educacional, como participam de uma dada teoria, com o intuito de fundamentar a prática educativa. É assim que, de acordo com o autor em análise, a consciência pedagógica deve tomar a educação como ponto de partida e de chegada para as reflexões pedagógicas. E isto, além de esclarecer o núcleo do educacional, permitiria justificar uma posição independente para a educação, ou seja, possibilitaria uma Ciência da Educação. Esta é, portanto, uma posição epistemológica.

Saviani, enquanto um dos expoentes da consciência pedagógica, acredita que o conjunto de sua obra busca esta autonomia relativa para a Educação. E, a este respeito, o autor define a raiz da consciência pedagógica:

[...] assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana, para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

(Saviani, 1995: 17)

A consciência pedagógica constitui o homem através dos elementos culturais, os quais se configuram em torno do conhecimento sistematizado. O saber é o elemento central da Educação, pois se pode, através dele, formar o ser humano. Formar o homem é possibilitar-lhe o conhecimento que se afirmou como síntese da experiência social acumulada. Este núcleo da consciência pedagógica existe sempre, independente da sociedade em que se insira o indivíduo. No entanto, para o autor em análise, a sociedade moderna não permite que a Educação cumpra seu papel de formação humana na sua totalidade, porque o ser humano vive em condições desumanas. O homem não se constitui, na sua plenitude, dentro da atual sociedade.

Como o capitalismo impede a realização da Educação na sua forma plena, a consciência pedagógica, para Saviani, deve cumprir um papel específico, quando no agora, para que venha existir, no futuro, uma outra sociedade, a qual autorizaria o pedagógico na sua plenitude.

Trata-se, pois, de transformar a sociedade atual, e isto tem a ver com a idéia de projeto histórico. É o projeto histórico que define os rumos a serem seguidos pelas diversas instâncias sociais, com vistas à superação da sociedade burguesa.

Assim, o projeto histórico envolve um escopo teórico mais amplo que determina o significado que se atribui aos diversos fenômenos sociais, pois o projeto histórico não determina apenas os objetivos a serem atingidos. Um projeto histórico deve fixar, também, os meios para se atingirem os objetivos propostos. Esclarecemos que, no caso de Saviani, há uma filiação a um projeto histórico de inspiração marxista, uma vez que, para Saviani (1991: 10), "os problemas postos pelo marxismo são os problemas fundamentais da sociedade capitalista e enquanto estes problemas não forem resolvidos/superados não se pode falar que o marxismo terá sido superado". Enfim, Saviani considera necessário, na sociedade burguesa, submeter a consciência pedagógica ao projeto histórico. É essa afirmação que iremos, inicialmente, aprofundar no que se segue.

Por qual motivo o mundo atual não permite a humanização plena do homem? O que impede o homem se constituir enquanto tal

na sua plenitude dentro do mundo capitalista? Ora, isto é o que responde o projeto histórico. O projeto marxista de sociedade parte da constatação de que existem duas classes antagônicas no seio da sociedade, o que leva a uma luta de classes, já que os burgueses, proprietários dos meios de produção, exploram os trabalhadores. Estes últimos correspondem à grande maioria da população. São os expropriados e humilhados do mundo atual. Eles lidam, por meio do trabalho, com os instrumentos de transformação da natureza bio-física em natureza humana, o que lhes garante a subsistência. Só que estes instrumentos de transformação da natureza bio-física são de propriedade de alguns poucos, na sociedade moderna. Daí a existência de uma sociedade que desumaniza o homem, o que gera um conflito entre as duas classes sociais: de um lado, os burgueses querendo a manutenção do atual estado de coisas, e de outro lado, os proletários intentando acabar com o mundo da exploração. Enfim, “a sociedade capitalista é baseada na propriedade privada dos meios de produção. Se os meios de produção são propriedade privada, isto significa que são exclusivos da classe dominante, da burguesia, dos capitalistas” (Saviani, 1984: 156).

E que, portanto, todos os problemas sociais só serão resolvidos na sua totalidade quando se extinguir a sociedade atual, haja visto que:

Todos os problemas do mundo de hoje são problemas do capitalismo. E precisam ser resolvidos, isto é, superados, o que implica a superação do próprio capitalismo como totalidade. E a superação do capitalismo, a partir do desenvolvimento de suas contradições internas, é o que a prática histórica e a teoria dessa prática vêm explicitando através da categoria ‘socialismo’. Fora disto, a alternativa que resta é a barbárie [...].

(Saviani, 1991: 104)

Este é, para Saviani, o rumo que deve tomar a sociedade: socialismo ou barbárie. Estaria na opção pelo socialismo o caminho para uma sociedade igualitária, em que os seres humanos sairiam da condição de escravos, para a de homens livres, autônomos. E, neste

sentido, Saviani acredita que a luta de classes é de fundamental importância para a superação das atuais estruturas sociais. Dessa forma, a classe dos trabalhadores tem um papel fundamental na transformação desta sociedade. Os trabalhadores são o motor da constituição da sociedade igualitária, em que seria abolida a existência de classes sociais. Ou seja, a questão da transformação da sociedade capitalista, em Saviani, portanto no projeto histórico, passa pelos trabalhadores; visto que estes são os que podem pôr em prática a sociedade igualitária que se tem em vista.

É assim que, para nós, está claro que Saviani toma os elementos centrais do projeto marxista de sociedade e, a partir deles, busca definir a especificidade da educação, no mundo moderno, aos fins de tal projeto. Saviani coloca a educação como um meio para atingir o fim pretendido pelo projeto histórico. E, neste caso, a consciência pedagógica, em Saviani, aparece como submissa, na sociedade capitalista, aos princípios essenciais do projeto histórico marxista. Como nos deixa claro o próprio autor, quando expõe acerca do seu projeto educativo:

A pedagogia por mim denominada ao longo deste texto, na falta de expressão mais adequada, de 'pedagogia revolucionária', não é outra coisa senão aquela pedagogia empenhada decididamente em colocar a educação a serviço da referida transformação das relações de produção (Saviani, 1996: 85)

E, neste caso, a determinação da transformação das relações de produção, conforme vemos acima, está configurada, desde há muito, na filosofia marxista.

Procede-se, assim, para que no futuro a Educação possa conseguir formar o homem na sua totalidade. A consciência pedagógica é sacrificada no agora, mas que isto é necessário para a consolidação de uma nova sociedade, que possibilitaria a constituição plena do homem. Com relação a isso, fazemos o seguinte questionamento: será que é mesmo válido o sacrifício que faz, no atual momento, a consciência pedagógica? Ou ainda: o fim a ser atingido

justifica o “preço que paga a Educação”?

Em função de um futuro melhor, Saviani subordina, no atual momento, a consciência pedagógica ao projeto histórico. O sacrifício citado envolve a redução da Educação. Esta redução que o autor efetua, inclui: a escola, o saber, o saber de classe.

Um forte indício de que Saviani assume, ao configurar o papel da consciência pedagógica no mundo moderno, princípios marxistas e, em torno deles, subordina a Educação, está na questão escolar. A escola surge como o fundamental em Educação devido ao projeto histórico. Parece claro que o autor em questão coloca a educação escolar como elemento hegemônico do educativo, justamente para ter delimitado o campo de atuação da Educação na implantação dos objetivos primeiros do seu projeto histórico: que é superar a sociedade capitalista.

Saviani coloca a escola numa condição superior às outras instâncias educativas, para, desta forma, ter um instrumento mais eficaz na constituição do projeto de sociedade. É uma forma de, quando no agora, melhor instrumentalizar a educação para se atingir um determinado fim. O autor, ao colocar a educação escolar como superior aos outros tipos de educação, delimita a possibilidade de se ter um domínio mais específico para a contribuição educacional frente ao objetivo mais amplo, que é o do projeto histórico.

Ora, no seio de uma sociedade, temos diversos tipos de educação, efetivando-se nos mais diferenciados “locus”, sendo, pois, diversas as instâncias educativas: a família, a igreja, o partido político, a escola, os clubes, as associações etc. Não há como negar que a escola é uma instituição educativa importante para a constituição do ser humano. Todas as instituições assumem influências educativas que passam a formar o homem. Assim, a família, por exemplo, tem um papel educativo que contribui em muito para a constituição do homem que dela participa. E que não há instrumentos que possibilitem dizer que, em dado processo formativo, a participação da família é inferior ou superior àquela proporcionada por outra instância. Daí que não se sustenta, no nosso entender, colocar esta ou aquela instituição educativa como sendo a hegemônica em Educação. Isto seria, então, um primeiro reducionismo educacional que se justificaria em função

de uma sociedade melhor no futuro.

Outro aspecto que caracteriza a submissão do pedagógico ao projeto histórico é a questão do conhecimento sistematizado. O autor coloca a questão do saber sistematizado como sendo o elemento essencial para o trabalho da escola, no mundo atual.

Constatamos que a necessidade de apropriação do conhecimento sistematizado, por parte dos trabalhadores, é, na verdade, a maneira mais adequada que Saviani encontra de se colocar a Educação a serviço da nova sociedade. E é neste mesmo sentido que este saber se relaciona à escola. Conforme podemos observar na citação seguinte: "A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber" (Saviani, 1984: 3).

A educação é, portanto, por meio da escola, um instrumento que se coloca a consagração de um projeto específico de transformação social.

Para isso, a pedagogia revolucionária (Saviani), longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão dos conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular. (Saviani, 1996: 75)

Participa, desta forma, o processo educacional da elevação do nível cultural das massas. O povo, de acordo com Saviani, é marcado pelo pensamento disperso, sincrético, permeados de elementos da concepção capitalista, portanto, dos interesses da mesma. Por isso que a educação é um instrumento de luta a serviço da classe menos favorecida, que é a maioria da população. A este respeito, com alusão à filosofia de Gramsci, o autor afirma: "Luta para estabelecer uma nova relação hegemônica que permita constituir um novo bloco histórico. Mas a constituição de uma nova sociedade não será possível sem a elevação do nível cultural das massas" (Saviani, 1984: 36).

Uma vez se apropriada dos mecanismos de expressão elaborada do saber, a consciência dos trabalhadores atinge um nível

superior. Em âmbito superior, esta consciência se vê na condição de explorado, assume-se enquanto classe trabalhadora, passando, então, a engendrar esforços para a transformação desta sociedade, numa outra sociedade mais humana e mais justa, na qual o homem encontraria a plenitude. É por isso que Saviani acredita que a Educação cumpre o seu papel, na medida em que desenvolve a dimensão cognitiva deste ser. "Nesse sentido, é que a própria expressão elaborada da consciência de classe passa pela questão do domínio do saber" (Saviani, 1995: 92). Refere-se, afinal, a um processo de hegemonia, em que uma determinada classe, a dos trabalhadores, toma para si todo o processo de percepção e transformação da realidade em que se insere.

Portanto, a educação humaniza o homem na medida em que o torna instrumento de transformação desta sociedade numa outra sociedade, que é objetivo do projeto marxista de sociedade.

De fato, só colocar a questão do saber como sendo o fundamental na escola não caracteriza, ainda, a submissão da Educação ao marxismo, isto na atual sociedade. Mas temos de levar em conta que este conhecimento sistematizado é o que o autor denomina de saber universal. E que o acesso a este tipo de saber não é direto, existindo a necessidade de dosá-lo, seqüenciá-lo para o processo de transmissão/assimilação no espaço e tempo escolares. E isto passa a se apresentar como um segundo saber, qual seja, o saber escolar. Acontece que a elaboração do saber escolar significa considerar o saber universal depurado dos interesses capitalistas, e, por outro lado, apresentar o saber escolar na perspectiva dos interesses dos trabalhadores. Em suma, o saber universal é reduzido ao saber escolar, o qual é apresentado na perspectiva daqueles que compõem a maioria da população, portanto, é um saber de classe. Em outras palavras, "a apropriação de conceitos e teorias é feita a partir dos interesses, da visão de mundo e da posição que os indivíduos ocupam no quadro social" (Saviani, 1995: 97). Só que estes interesses já estão presentes, de antemão, na obra de alguns autores marxistas. Significa, então, que o saber escolar se apresenta com os interesses dos trabalhadores, os quais vão ao encontro, segundo Saviani, daquilo que aparece em algumas obras de conotação marxista; portanto, do projeto histórico.

E neste caso, a reflexão que participa da constituição da consciência pedagógica se efetiva dentro das perspectivas teóricas delineadas pelo marxismo.

É assim que, para o autor em análise, a educação permite, primeiro, a crítica da concepção dominante, ou seja, a capitalista; segundo, o labutar com o senso comum, buscando o seu núcleo válido, elaborando-o em torno de uma concepção de mundo adequada aos interesses populares, os quais estão expressos nas obras dos principais escritores marxistas.

A este respeito, acentua o próprio Saviani quando cita um dos principais representantes do projeto de sociedade marxista:

A esta posição, cuja resultante é manter as massas ao nível do sincretismo que caracteriza o senso comum, contrapõe-se a filosofia da práxis. Com efeito, '(...) a filosofia da práxis não busca manter os simplórios na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade ao nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual da massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. (Gramsci, 1978: 20 apud Saviani, 1984)

Assim, quando os trabalhadores adquirirem consciência de classe, estes efetivarão, no dia a dia, uma luta para se construir a sociedade que está configurada no projeto histórico.

Para concluir, fica claro que Saviani justifica a redução do saber universal ao saber de classe, bem como coloca que humanizar o homem é apenas desenvolver a sua dimensão cognitiva, com o intuito de constituir uma nova sociedade, na qual o homem atingiria sua humanização total, já que isto não seria possível no mundo moderno.

Compreendemos, então, que o exposto anteriormente configura que o autor em análise subordina a consciência pedagógica ao projeto histórico. Mas que o mesmo acredita que isto é algo

inevitável e necessário, dentro de uma sociedade capitalista.

Concluimos, no entanto, que a consciência pedagógica não se encontra reduzida apenas na sociedade atual. Mas aquilo que Saviani entende ser o específico da consciência pedagógica para a sociedade comunista é também uma redução da Educação ao projeto histórico. Isto porque contém reducionismos que são os mesmos limites do projeto histórico. Já que aquilo que Saviani considera o homem ideal, na sua plenitude, o que se atingiria na sociedade comunista, é, ao nosso ver, também uma redução do ser humano.

Ou seja, um elemento que caracteriza a submissão do pedagógico, na sua forma pura, ao projeto histórico, é a questão do ser humano em Saviani. Concordamos com Saviani, quando ele diz que educação é um processo de formação humana. É certo que, desde os primórdios, os homens necessitam de influências educacionais para se constituírem enquanto tais. Mas discordamos de Saviani quando este enfatiza, no processo de formação humana, apenas uma dimensão do ser que está em formação, ou seja, a dimensão cognitiva. Acreditamos que isto é uma redução do educacional, que se adequa ao projeto marxista de sociedade. A questão dos conhecimentos não se separa, por exemplo, da dimensão dos sentimentos, no que diz respeito à formação humana. Porque a educação deve formar o homem na sua totalidade, e não isoladamente o homem físico, o homem social, o homem emocional, o homem racional, o homem econômico etc.

Na Pedagogia de Saviani, a questão da afetividade, por exemplo, tão importante numa teoria pedagógica, não está devidamente explicitada. Se o indivíduo se constitui num todo, uno, não tem sentido querer formar apenas uma parcela deste ser, pois isto seria autoritário e altamente pernicioso. Aliás, o próprio processo educacional não se efetivaria, pois a dimensão cognitiva não se separa da afetiva, da ética, da espiritual, da social, da política etc. Em Saviani, não se pensa o homem "inteiro", justamente pelo fato de que isto entraria em contradição com o projeto marxista de sociedade, que restringe a visão do homem inteiro ao conceito de consciência humana. Daí que, se Saviani acentua apenas a questão intelectual, isto irá ao encontro da idéia, prevista no projeto histórico, de conscientização. Ou seja, os trabalhadores não sabem pensar a sua realidade, é preciso ensinar os trabalhadores a perceberem "as leis objetivas que regem o mundo em

que estes se inserem”.

Em conclusão, mais uma vez, Saviani limita a consciência pedagógica, agora na sua forma “plena”, pois se esta consciência deseja tomar o educacional como ponto de partida e de chegada para as suas reflexões, deve refletir, antes de mais nada, na pessoa humana, e não só no homem psicológico, ou no social, ou no político e assim por diante. Para o homem, não é importante apenas a consciência, mas também a liberdade, a ética, o sentido da vida, a espiritualidade etc. Não podemos dizer que constituir o homem é formar apenas a sua dimensão cognitiva e política, já que separa a educação em partes, o que não é possível, pois não consideramos o homem uma máquina. Portanto, fragmentar o homem não faz sentido.

Assim, Saviani limita, também, a consciência pedagógica na sua forma pura, subordina o pedagógico ao político. Só que isto, além de limitar o agir humano, é autoritário. É claro que a educação se relaciona à questão política e, de fato, existe uma relação imbricada entre educação e sociedade. Mas isto não significa que o educacional deve emanar totalmente de um projeto político partidário. Ou seja, a Educação não tem que, necessariamente, ser fruto só de uma ideologia social. Acreditamos que a própria história da educação, mesmo marcada pelo fenômeno das flutuações da consciência pedagógica, tem condições de elencar uma proposta que considere o ser humano na sua totalidade.

A questão da redução do educacional a um projeto sócio-político se complica ainda mais, tal como ocorre em Saviani, quando o projeto político é colocado como infalível, inquestionável. Se a consciência pedagógica não pode colocar em cheque os princípios norteadores do projeto histórico, quando algo do educacional entrar em contradição com o referido projeto, esta diferença tem que ser equacionada pela submissão ou pelo esquecimento. Aliás, concluímos, também, que Saviani desconsidera, em parte, o espírito crítico do educando, uma vez que colocar a existência de uma sociedade socialista como algo inevitável na história da humanidade é contra, mais uma vez, o espírito educativo de formação humana na sua totalidade, quando se desconsidera a própria possibilidade de construção do conhecimento, tanto pelo educador quanto pelo educando. Ou seja, a

formação de um homem que também seja crítico/criativo, pois, na nossa visão, na obra de Saviani, os sujeitos educacionais não podem colocar em discussão o projeto histórico marxista. Ora, se considerarmos a questão da liberdade do ser humano como algo fundamental no educacional, onde fica a liberdade de questionar o projeto histórico? Esta não existe, posto que este projeto é colocado como uma verdade inquestionável. Uma verdade histórica a ser implantada irrefutavelmente. Em suma, a Educação tem liberdade por dentro dos muros teóricos do marxismo.

E, neste sentido, os próprios educadores estariam numa condição que limita o seu agir. Isto assume repercussões negativas na prática educativa, uma vez que sendo a consciência pedagógica submissa, limitamos a formação do educando, na medida em que o próprio educador está determinado.

Concordamos que a Pedagogia deve levar em conta um projeto social. Mas este projeto não pode querer ser um grande modelo explicativo que dá conta do todo social. Um projeto histórico adequado ao educacional é algo que só se configura na medida em que deixa espaço para a configuração dos diversos domínios da realidade. Não dá, portanto, para analisar, por exemplo, a escola com a finalidade de inseri-la num projeto macro-estrutural, principalmente quando este projeto quer colocar o educacional como reflexo do político e do econômico. Isto é um desrespeito para com a educação, pois a coloca como uma espécie de sub-atividade a serviço das atividades consideradas nobres do ser humano, que, neste caso, parecem ser a Economia e a Política. Em suma, acreditamos que esta ou aquela Educação não pode estar a serviço desta ou daquela classe social. Partilhamos do pensamento de Zippin Grinspun (1994: 239), quando diz que em educação deve-se querer educar o "(...) 'homem inteiro', que constrói o seu conhecimento, que pensa, que elege seus valores, que toma decisões, que se emociona, que se move, que age, que faz e, acima de tudo, que é". Ora, se a consciência pedagógica considera o homem na sua totalidade, deve se relacionar com projetos políticos que também considerem esta possibilidade. Portanto, a educação não pode ser tratada como um mecanismo que pode ser manipulado por qualquer projeto político.

E neste sentido, colocamo-nos mais uma vez contra os reducionismos educativos pelo fato de que isto, também, não permite aprofundamentos teóricos em relação a outras abordagens, visto que a orientação teórica é única.

Portanto, reafirmamos que assumir uma orientação teórica fechada contraria o espírito crítico/criativo que deve estar presente nas diversas elaborações teóricas, afinal, o universo, além de ser fragmentado, nem tudo que o compõe é passível de compreensão/apreensão dentro dos atuais limites da epistemologia contemporânea.

Concluimos, então, que o desejo inicial de Saviani de colocar o educacional como o centro das reflexões pedagógicas, além de ser necessário, esta por se concretizar. Acreditamos que a obra de Saviani teria conseguido se contrapor aos diversos modismos reducionistas, se também tivesse negado a *redução da Educação a uma filosofia única*. Ou seja, entendemos que a Educação deve questionar a própria Filosofia.

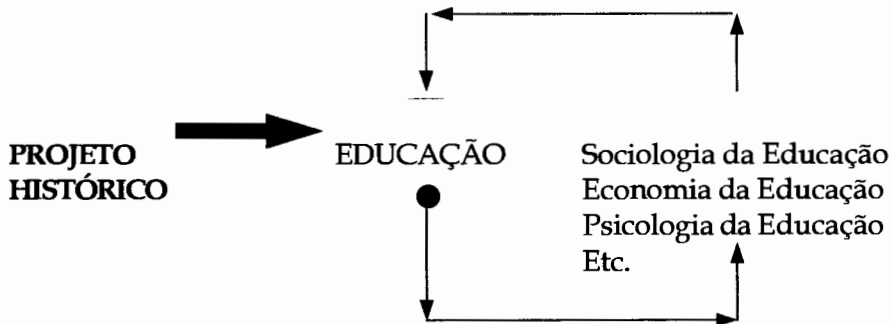
Enfim, para nós, parece claro que Saviani não deixa autonomia relativa para a Educação. O autor que pretende colocar a educação como ponto de partida e de chegada para as demais reflexões da prática pedagógica, na verdade, subordina o educacional a um projeto político-epistemológico. De fato, há uma contradição entre uma Ciência da Educação e um projeto epistemológico tal como defende Saviani. Isto porque não resta opção à Educação a não ser se subordinar àquilo que quer tal projeto, visto que a consciência pedagógica tem que se submeter ao projeto histórico. Esta consciência não questiona o próprio projeto histórico, nem tem uma contribuição independente do referido projeto. Entendemos que, na obra de Saviani, a consciência pedagógica está atuando em favor do projeto de transformação social marxista, e que a referida consciência tem os limites de sua reflexão e de seu agir determinados pelo projeto em questão. Mas também aquilo que Saviani considera Educação para a sociedade comunista é, da mesma forma, marcado por influências do marxismo, fazendo com que o educacional sofra, mais uma vez, enfoques reducionistas.

Em suma, o que aparece na obra de Saviani é isto: os educadores, os pedagogos, devem se conscientizar do seu papel dentro do educacional, em uma teoria que não nasce no meio educativo. Mas

é algo que deve vir de uma orientação política mais ampla, a qual se insere na questão da luta de classes. Esta teoria política funciona como uma orientação para a consciência pedagógica, ou seja, é algo que diz o que os educadores devem fazer. Portanto, a consciência pedagógica se submete a uma teoria-política epistemológica que não nasce no pedagógico nem tem nele ponto de organização.

Logo, para se observar o pedagógico em Saviani, é necessário, de antemão, se colocar de acordo com os princípios marxistas existentes neste mesmo pedagógico. E, neste sentido, queremos demonstrar, a seguir, que Saviani não deixa possibilidade de autonomia para o educacional. Ou seja, concluímos que a organização da Educação em Saviani toma como pressuposto a filosofia marxista. E, neste caso, Saviani vai submeter a consciência pedagógica àquilo que estaria no projeto histórico.

Podemos afirmar que o posicionamento que transparece na obra de Saviani é de uma submissão do educacional ao projeto histórico. Tal como visualizamos no gráfico a seguir:



Ou seja, o projeto histórico se relaciona com a Educação numa via de mão única. Quer dizer, o projeto histórico determina o educacional, mas não há possibilidade para o educacional questionar o projeto histórico. E, neste sentido, podemos retomar o posicionamento inicial de Saviani, "cumprir restabelecer o primado do problema recolocando a educação no centro de nossas cogitações, isto é, como ponto de partida e ponto de chegada das teorizações e práticas pedagógicas" (Saviani, 1990: 5), acrescentando: desde que esta se

apresente, de antemão, de acordo com o que deseja o projeto histórico.

Por fim, esclarecemos que, com a crítica acima, não queremos desmerecer contribuições importantes que análises de Saviani têm trazido à educação brasileira. Análises de cunho marxista trazem contribuições importantes para que os educadores se posicionem em relação a determinadas questões políticas e sociais. As análises sobre a relação entre educação e sociedade, evidenciadas por alguns autores marxistas, têm sido fundamentais para educadores brasileiros. Mas não é porque tem algum valor o posicionamento marxista sobre a questão sócio-política que devemos submeter todo o educacional a tais reflexões.

E neste sentido, chegamos à resposta da indagação formulada: vale a pena submeter a Educação ao projeto histórico, quando no agora? Não. Sacrificar a educação na sociedade capitalista não vale a pena, porque faz com que o educacional incorra em reduções que limitam a condição humana em nome de um futuro melhor. Só que este futuro, além de ser incerto, a sua projeção contém limites, os quais implicam reduções pedagógicas. Portanto, aquilo que Saviani considera o pedagógico na sua plenitude não é, efetivamente, algo que se enquadre em todas as possibilidades do ser humano. Em função disto, deixamos claro que, no nosso entender, a consciência pedagógica não pode se submeter a um projeto histórico fechado, nem na sociedade capitalista, nem na sociedade comunista.

Na verdade, esta discussão da filiação teórica da consciência pedagógica a um projeto social mais amplo, remete à própria relação entre Educação e Filosofia, pois uma Filosofia envolve, o mais das vezes, uma visão de mundo, implicando conceituações sobre o homem, acerca da relação do homem consigo mesmo e da relação do homem com o mundo, o que é de fundamental importância para o pedagógico. Assim, se a Educação visa à formação do ser humano na sua totalidade, o tipo de homem que se quer formar, e para que tipo de sociedade, são questões que, desde há muito, vêm sendo motivo de reflexões filosóficas. É por isso que há diversas Filosofias. Isto significa que existe um diálogo necessário entre a atividade filosófica e o acontecer do educacional, bem como a teorização deste fenômeno.

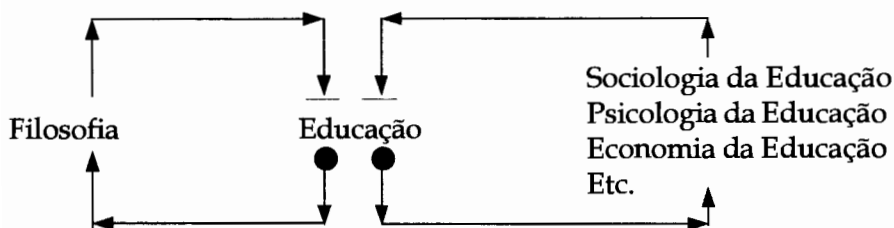
Nesta relação entre estes dois domínios, há uma tentativa dominante que, historicamente, vem se mostrando perniciosa para a Educação: considerar a Filosofia como um grande modelo explicativo da realidade, o qual determinaria unilateralmente as teorizações dos diversos fenômenos existentes no seio de uma sociedade. Um exemplo desta Filosofia que busca ser uma explicação para tudo que ocorre no universo é representado por uma dada corrente da Filosofia marxista. O caráter nefasto deste tipo de Filosofia já foi evidenciado neste trabalho, por não permitir a autonomia relativa dos diversos fenômenos sociais. Acreditamos não haver, até o momento, instrumentos metodológicos que permitam uma explicação unitária de todo o universo. Por isso, qualquer Filosofia será sempre limitada. No entanto, muitos que fazem a Educação, porém participantes da consciência pedagógica, esquecem-se dos limites das Filosofias e aceitam acriticamente tudo que determina dada Filosofia, buscando-se aplicá-la ao educacional. E, desta forma, reduzem a Educação para se efetuar uma adequação aos princípios filosóficos que são aceitos pelos mesmos.

A aceitação acrítica de dado modelo explicativo, configura-se, no caso da Educação e Filosofia, geralmente, uma relação que parte da Filosofia para o pedagógico. Isto não permite autonomia relativa para o pedagógico, pois não admite que a Educação construa um modelo próprio, nem que elabore teorias específicas ou que encontre, ao mesmo tempo, um caminho próprio para o seu caminhar. Significa, então, que não se pode aceitar as Filosofias que se colocam em relação à prática pedagógica como algo acabado, perfeito, e inquestionável pela própria Educação. Entendemos, pois, que não é possível querer determinar, a priori, o que seja o educacional.

Concordamos com a perspectiva de autonomia relativa para o educacional, tal como prevê Saviani. Não aceitamos a filiação a uma Filosofia única, posto que torna inviável à Ciência da Educação, conseqüentemente, a mesma visão de autonomia relativa que Saviani projeta. Compreendemos que o próprio pedagógico deve interferir nos rumos que deseja, levando em conta aquilo que é o seu núcleo, que trata da formação de um homem inteiro, conforme apresentamos

anteriormente.

Enfim, concluímos que a melhor opção para o pedagógico é uma Filosofia que permite ser questionada pelo próprio educacional. E, antes de mais nada, os próprios educadores devem partir da educação para interrogar as diversas Filosofias, no intuito de solucionar os problemas educativos. E uma vez indo ao encontro de uma dada Filosofia, é de fundamental importância que os educadores possam assumir uma postura crítico/criativa frente àquilo que postula tal Filosofia, e não aceitar passivamente as definições e conceituações colocadas, antecipadamente, por tal Filosofia. Em síntese, a relação Filosofia e Educação tem que ser dialógica e não uma via de mão única. Deste modo, sintetizamos, no gráfico abaixo, o tipo de relação, acima explicado, que deve se estabelecer entre as reflexões filosóficas e as preocupações pedagógicas, em que a Educação é o ponto de partida e de chegada tanto para a Filosofia, como para todas as outras teorizações que se relacionem ao pedagógico:



Só desta forma a Educação pode se considerar emancipada da "mãe" das Ciências, a saber, da Filosofia, e pleitear, como as outras "filhas" desta mesma "mãe", a sua autonomia relativa; quer dizer, criar a base para a sua constituição enquanto Ciência; configurar, efetivamente, sua autonomia relativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Estrela. *Pedagogia, Ciência da Educação?* Porto: Porto Editora, 1992.

DIAS DE CARVALHO, Adalberto. *Epistemologia das ciências da educação*. Porto : Editora Afrontamento, 1988.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

GRINSPUN, M. P. S. ZIPPIN. Os Novos Paradigmas em Educação: os caminhos viáveis para uma análise. *RBEP*, Brasília, v.75, n. 179/180/181, p. 211-242, jan./dez. 1994a.

JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

JAPIASSU, Hilton. A crise das ciências humanas. In: *ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 7, 1994, Goiânia. ANAIS... Goiânia: Cortez, 1994, p. 21-25.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LIBÂNEO, José Carlos. O ato pedagógico em questão: o que é preciso saber? *Revista Inter-ação*, Goiânia, n. 17, p. 111-125, jan./dez. 1993.

MARX, Karl. "Crítica ao programa de Gotha". In: Marx, K.; Engels, F. *Textos 1*. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

_____. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo : Escrita, 1968.

_____. *Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria*, do Sr. Proudhon. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa: Moraes, 1978.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. Educação: emergência de seu processamento epistemológico. *Educação*, Porto Alegre, n. 27, p. 7-13, 1994.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. O problema da pesquisa em educação e algumas de suas implicações. *Educação Hoje*, São Paulo, p. 6-24, mar./abr. 1969.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Pedagogia, Ciência da Educação?* São Paulo: Cortez, 1996.

PRESTES, Nadja M. Hermann. A educação, a razão e a autonomia. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 61-70, jan./jun. 1993.

SAVIANI, Dermeval. Algumas tarefas urgentes e necessárias. *Impulso*, Piracicaba/SP, v. 6, n. 12, p. 83-94, 1993.

_____. Contribuições da filosofia para a educação. *Em Aberto*, Brasília, n. 45, p. 3-9, jan./mar. 1990.

_____. Desenvolvimento e educação na América Latina. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Dimensão filosófica da educação*. São Paulo: PUC/SP, 1971.

_____. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Saraiva, 1983a.

_____. Educação brasileira: problemas. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 50-63, set. 1978.

_____. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. Educação e participação no processo político (escola, cidadania e transição democrática). *La educacion*, v.30, n. 100, p. 30-40, 1986a.

_____. *Educação e questões da atualidade*. São Paulo: Livros de Fato, 1991.

_____. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo:

Autores Associados, 1991b.

_____. *Escola e democracia*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

_____. *Estado e Educação*. Campinas/SP: Papyrus, 1992.

_____. Estruturalismo e educação brasileira. RBEP, Rio de Janeiro, v. 60, n. 134, p. 208-217, abr./jun. 1974.

_____. A filosofia da educação no Brasil e sua veiculação pela RBEP. RBEP, Brasília, v. 65, n. 150, p. 273-290, maio/ago. 1984.

_____. A filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. (Org.). *Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1980a.

_____. Filosofia da educação: crise da modernidade e o futuro da filosofia práxis. In: FREITAS, M. C. (Org.). *A reinvenção do futuro*. São Paulo: Cortez, 1996a.

_____. Os fundamentos da educação e a nova LDB. *Educação Municipal*, v. 1, n. 3, p. 5-17, 1988b.

_____. A nova LDB. *Proposições*, Campinas/SP, v. 1, n. 1, p. 1-9, 1990a.

_____. (Org.). *Para uma história da educação latino-americana*. São Paulo: Autores Associados, 1996c.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 1995.

_____. *Perspectivas da educação brasileira contemporânea*. AEC,

Rio de Janeiro, v. 8, n. 34, p. 3-18, 1979.

_____. *Política e educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. Quais os novos rumos da educação brasileira? *Revista Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 7, n. 38, p. 25-32, mar./abr. 1989.

_____. Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. *Revista ANDE*, São Paulo, a. 5, n. 9, p. 27-8, 1985.

_____. Sobre a natureza e a especificidade da educação. *Em Aberto*, Brasília, n. 22, p. 1-6, jul./ago. 1984b.

_____. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, D. T. (Org.). *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983b.

_____. Tendências pedagógicas na formação do educador. *Interação*, Goiânia, v.8, n.5, jun./jul. 1981a.

SILVA JÚNIOR, C. A. (Org.). *Dermeval Saviani e a educação brasileira: o Simpósio de Marília*. São Paulo: Cortez, 1992.

VÁSQUEZ, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VIEIRA PINTO, A. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.